Dia 12 — São Bento Biscop, Confessor

São Bento, chamado Biscop pelo sobrenome de sua família, era inglês de nação e daquela parte setentrional da Inglaterra que se chama Northumberland. Nasceu ao mundo pelos anos de nossa redenção de 628. Sua casa era uma das mais ilustres e mais antigas da Inglaterra. Foi sua educação na corte, mas não se tingiu nem de suas máximas nem de seu espírito. Previu-o o Senhor com suas doces bênçãos e concedeu-lhe um coração tão nascido para a virtude, uma inclinação tão reta e um juízo tão sólido que não foram capazes de fazê-lo prevaricar todos os artifícios de que o mundo se valeu para enganá-lo. Teve-se grande cuidado de fazê-lo aprender os exercícios e habilidades militares, nos quais saiu muito destro, ajudado pelos talentos naturais que possuía para eles e pela grande aplicação com que se dedicou a seu estudo.

Manejou as armas com reputação. Sua valentia, sua intrepidez e o ser sempre o primeiro nos perigos o fizeram muito distinto no exército. Fê-lo oficial o rei Oswiu e, para dar-lhe alguma prova de quão satisfeito estava com seus bons serviços, gratificou-o com uma bela propriedade ao acabar a primeira campanha. Assinalava-se Bento entre os soldados por seu valor e entre os cortesãos por sua polidez, por sua afabilidade e por suas admiráveis prendas naturais; mas muito especialmente por sua piedade e por sua singular prudência. Estimado do príncipe, honrado pelos grandes e amado de todos, parecia que havia de avançar a largos passos na gloriosa carreira que havia empreendido, lisonjeando-o o mundo com as mais brilhantes esperanças, quando a consideração de uma fortuna mais sólida e de uma felicidade mais plena e mais digna de um coração verdadeiramente grande o fez renunciar a todos quantos afagos têm os favores dos grandes. Ferido do amor dos bens eternos e desejoso de não servir a outro amo que somente a Deus, deixou a corte, renunciou aos empregos, apartou-se de seus parentes e fugiu de seu país na flor da juventude, aos vinte e cinco anos de idade, e empreendeu por devoção a viagem a Roma. Correspondeu fielmente a todos os impulsos de sua piedade. À vista daqueles santos lugares, banhados com o sangue dos apóstolos e de tantos mártires, e enriquecidos com o tesouro de suas sagradas relíquias, inflamaram-se de novo o fervor e o zelo de nosso Bento. Redobrou-se-lhe a fé achando-se no centro da religião; e, reverenciando aquela santa cidade que havia sido teatro das vitórias de tantos gloriosos mártires, ardia seu coração no desejo do martírio. Mas, como não tinha outra regra para governar sua vontade senão a vontade divina, entendeu que esta era de que se restituísse a seu país: e assim o fez, ainda que com ideias muito diferentes das de sua família. Não puderam persuadi-lo a que voltasse a deixar-se ver na corte, e dedicou-se inteiramente a exercícios de virtude e ao estudo da Sagrada Escritura. Nisso empregou os cinco anos que esteve na Inglaterra, onde sua eminente santidade fazia agora mais ruído e lhe granjeou maior reputação do que a que cinco ou seis anos antes havia merecido pelas façanhas de seu valor. Depois que se achou bem instruído nas letras sagradas e em tudo o que toca à religião, lembrando-se das singulares graças que Deus lhe havia comunicado em Roma, sentiu-se movido a empreender pela

segunda vez essa devota peregrinação. Quis acompanhá-lo nela o príncipe Alfrido, filho do rei Oswiu, cujas inclinações piedosas, em tudo semelhantes às de nosso santo, o haviam feito contrair com ele estreita amizade. Partiram juntos, e todo o tempo que se detiveram em Roma foi um contínuo exercício das mais heroicas virtudes, que por fim lhe mereceu a graça de deixar inteiramente o mundo para não pensar mais que em Deus. Escolheu a ordem de São Bento, que então florescia com todo o vigor de seu primitivo espírito, e retirou-se ao célebre mosteiro de Lérins, junto às costas da Provença.

Mal vestiu Bento o capuz, foi um dos mais fervorosos e mais perfeitos monges do mosteiro. Logo serviu o noviço de modelo aos mais anciãos; seu fervor, sua devoção, sua mortificação e sua humildade eram admirados como prodígios por todos os religiosos. Acabado o tempo do noviciado e feita a profissão, viu-se obrigado a voltar a Roma pela terceira vez. Partiu de Lérins com dor universal de todos os monges; mas tinha nisso seus desígnios a divina Providência, querendo Deus que Bento conduzisse à Inglaterra o espírito da religião que havia bebido no mosteiro de Lérins e que fosse restaurador da disciplina monástica naquele reino. Com efeito, embora desejasse muito passar toda a sua vida naquela cabeça do orbe cristão, onde tudo quanto via contribuía para nutrir mais seu fervor e acender mais seu zelo, mal chegou, mandou-lhe o papa Vitaliano que voltasse à Inglaterra em companhia de Santo Adriano e de Teodoro, arcebispo de Cantuária.

Conhecendo então nosso santo a vocação a que o Senhor o destinava e vendo claramente estar designado pela divina Providência para trabalhar na conversão de seus compatriotas, logo que entrou na Inglaterra buscou um mosteiro onde retirar-se. Encontrou-o logo no de Santo Agostinho de Cantuária, do qual foi nomeado abade; e se conheceu facilmente o grande poder que tem a virtude sobre os corações quando se dá a conhecer desde a primeira cadeira. Achou Bento relaxado o mosteiro e tratou desde logo de reformá-lo, não com suas palavras, mas com seus exemplos. Logo conheceu que têm maior eficácia as obras que as palavras. Sua piedade, sua doçura e sua observância regular tornaram observante o mosteiro. Soube ganhar os corações, cuidando de não alienar os ânimos; e em menos de dois meses viu-se reflorescer no mosteiro de Santo Agostinho a disciplina religiosa.

Pela quarta vez o obrigaram a voltar a Roma vários negócios da Igreja da Inglaterra; e, ao retirar-se à sua pátria, trouxe consigo daquela santa cidade vários livros espirituais e alguns rituais concernentes ao culto divino, sabendo aproveitar-se admiravelmente de uns e de outros. Viu-se na precisão de partir para Northumberland, deixando o cuidado do mosteiro de Santo Agostinho a cargo de seu discípulo Santo Adriano. Logo experimentou seu país os efeitos do zelo e da santidade de Bento. Fundou o mosteiro de Wearmouth, na diocese de Durham, pela liberalidade do rei Egfrido, sucessor de Oswiu. Foi ele quem introduziu o uso dos vitrais adornados de várias cores, imitando pinturas, e muitos outros ornamentos das igrejas da Inglaterra, valendo-se de artífices que fez vir da França. Gostava sumamente de que o ofício divino se celebrasse com majestade, de que tudo o que servia ao altar fosse precioso, de que tudo fosse rico, magnífico e esquisito em nossos templos. Fundou também o mosteiro de Girwic ou Jarrow, a duas léguas do de Wearmouth; e, tendo posto a este a invocação de São Pedro, pôs ao outro a de São Paulo. Estando tão próximas essas duas casas, não pôde escusar-se de encarregar-se do cuidado e do governo de ambas, como se fosse uma só comunidade; e assim floresceram muito em pouco tempo graças à sua prudente e zelosa direção. Filhos dessas duas casas foram os santos Esterwin e Geolfrido, e alguns anos

depois foi também contado o venerável Beda no número de seus mais ilustres alunos.

Voltou a Roma pela quinta vez para obter do papa algumas graças e privilégios que julgou convenientes a suas piedosas fundações, e para beber naquele manancial puro do melhor espírito, como ele o chamava, arroios de religião que derivar depois em seus discípulos. Percorreu os mais célebres mosteiros, não só da Itália, mas também da França, recolhendo cuidadosamente quanto observava neles de maior edificação e exemplo para introduzi-lo depois em seus mosteiros da Inglaterra. Conseguiu-o com felicidade. Tudo o mais perfeito que tem a vida interior, tudo o mais edificante e santo que se encerra na vida monástica, tudo o maior e mais elevado que inspira a religião, tudo florescia nas comunidades que estavam sob seu governo. Mas pode-se assegurar que, embora nosso santo nada omitisse de tudo o que podia contribuir para a reformação interior e a perfeição de seus religiosos, com tudo isso sua vocação e sua graça particular consistiu em estabelecer o culto divino exterior com magnificência e em procurar-lhe toda a extensão e toda a majestade que se lhe deve. Tinha extraordinário zelo pelo adorno das igrejas e pela pompa e magnificência das cerimônias eclesiásticas. Celebrava-se em todos os mosteiros o ofício divino com uma modéstia, com uma decência, com uma compostura que verdadeiramente fazia honra à nossa religião, infundindo respeito e devoção nos povos mais grosseiros e menos dóceis. Quase não havia na Inglaterra, naquele tempo, nem igreja nem capela lavrada de pedra; não se conhecia o uso de vidraças nas janelas. A tudo proveu nosso santo com um zelo e uma indústria admirável.

Quando voltou de Roma, trouxe consigo arquitetos, vidreiros, pintores, artífices habilíssimos; e logo ensinou a todos a experiência quanto conduz para imprimir um alto conceito da religião e para inspirar o fervor aos fiéis a solenidade das cerimônias, a riqueza dos ornamentos, o socorro das pinturas devotas e a majestade do culto exterior. Teve também São Bento o consolo de enriquecer suas igrejas com muitos corpos de santos que trouxe de Roma, tendo-lhos presenteado os papas em prêmio de sua piedade. Tampouco se esqueceu do auxílio da música e do canto, desconhecido até então na Inglaterra. Prendado o papa Agatão de seu zelo pelo culto divino, enviou em sua companhia a João, abade de São Martinho, chantre ou mestre de capela da igreja de São Pedro em Roma. Pela religiosa indústria e pelo fervoroso zelo de nosso santo, introduziu-se na Inglaterra o canto gregoriano e as cerimônias romanas. Ele mesmo compôs um livro que intitulou *Celebração das festas*. Cresceu na Inglaterra, com a piedade e a solenidade do culto, o amor, o zelo e a pureza da religião, sendo uma e outra coisa feliz fruto da virtude e do zelo de nosso santo. Mas, embora fosse tão eminente, tão ilustre essa virtude durante o tempo de uma vida tão pura, tão laboriosa e tão penitente, quis Deus purificá-la e aperfeiçoá-la mais no fim de seus dias, para que, tendo dado tão grandes exemplos de observância, de mortificação e de penitência a todos os seus religiosos, lhes desse o de uma paciência admirável com que sofreu uma cruel paralisia, que lhe serviu de duríssima cruz por espaço de três anos. Seu semblante sempre afável, sempre igual, sempre tranquilo; sua íntima união com Deus e até sua exterior alegria nunca se mostraram alteradas. Por fim, depois de ter recebido com novo fervor os últimos sacramentos e de ter exortado todos os seus amados filhos ao cumprimento pontual de suas religiosas e monásticas obrigações, entregou docemente o espírito nas mãos de seu Criador no dia 12 de janeiro do ano 703, aos setenta e seis anos de idade, ou, segundo alguns historiadores, aos oitenta e seis. Foi sepultado na igreja do mosteiro de Wearmouth, de onde, no tempo das incursões dos dinamarqueses, suas relíquias foram trasladadas ao de Glastonbury, no condado de Somerset, e ali se crê que ainda hoje estão

com as de São Geolfrido, seu sucessor.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Taciana, mártir, que foi dilacerada com unhas e pentes de ferro, exposta às feras e lançada ao fogo, sem receber nenhuma lesão, sob o imperador Alexandre: por fim, tendo morrido à espada, entrou na mansão da bem-aventurança eterna.

Na Acaia, São Sátiro, mártir, que, passando diante de um ídolo, soprando sobre ele e fazendo sobre a fronte o sinal da cruz, fê-lo cair por terra imediatamente; e por isso foi decapitado.

No mesmo dia, São Arcádio, mártir, ilustre por seu nascimento e por seus milagres.

Na África, os santos Zótico, Rogato, Modesto, Cástulo e quarenta soldados, mártires.

Em Constantinopla, os santos Tigre, presbítero, e Eutrópio, leitor, que sofreram a morte no tempo do imperador Arcádio.

Em Tivoli, São Zótico, mártir.

Em Éfeso, quarenta e dois santos monges que, tendo sido cruelmente atormentados em defesa das santas imagens sob Constantino Coprônimo, cumpriram por fim o seu martírio.

Em Ravena, São João, bispo e confessor.

Em Verona, São Probo, bispo.

Na Inglaterra, São Bento, abade e confessor.

Missa (oração)

A missa é da oitava da Epifania, e a oração em honra de São Bento Biscop é a que segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, sancti Benedicti Abbatis commendet: ut, quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade Bento nos recomende à vossa divina Majestade, para que consigamos por sua proteção o que não podemos

por nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 60 de Isaías, a mesma do dia 6.

Isaías 60,1-6

> **Latim:** [1] Surge, illuminare, Jerusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est. [2] Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos ; super te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur. [3] Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui. [4] Leva in circuitu oculos tuos, et vide : omnes isti congregati sunt, venerunt tibi ; filii tui de longe venient et filiæ tuæ de latere surgent. [5] Tunc videbis, et afflues ; mirabitur et dilatabitur cor tuum : quando conversa fuerit ad te multitudo maris ; fortitudo gentium venerit tibi. [6] Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Epha ; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.

Português: [1] LEVANTA-TE, esclarece-te, Jerusalém: porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor naseeo sobre ti. [2] Por quanto eis-ahi cobrirão as trévas a terra, e a escuridade os povos: mas sobre ti nascera o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. [3] E andarão as gentes na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento. [4] Levanta em roda os teus olhos, e vê: todos estes se tem congregado, elles vierão a ti: teus filhos virão de longe, e tuas filhas se levantarão de todos os lados. [5] Então verás tu, e estarás em asfluencia, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações: [6] huma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedarios de Madian e d'Efa: todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando louvor ao Senhor.

Nota

« São Jerônimo reconhece Isaías como o mais hábil e o mais eloquente de todos os profetas. Seus escritos são como o compêndio de toda a Escritura. São, diz, um conjunto do mais esquisito e do mais delicado que pode imaginar o engenho humano ou dar a entender a mais fecunda eloquência: *Quidquid potest humana lingua proferre, et mortalium sensus accipere, isto volumine continetur.* »

Reflexões

As trevas cobrirão a terra e uma escura noite se apoderará dos povos. É preciso estar bem sepultado numa densa escuridão; é preciso que o entendimento e o juízo estejam apoderados de umas espessíssimas trevas, para incorrer, em meio ao cristianismo, em dissoluções e excessos que o seriam em meio aos pagãos. Porque com que outro nome se poderão chamar as escandalosas licenças e as torpes máscaras do carnaval? Certamente, entre todos os abusos, entre todas as desordens dos cristãos, nenhum há que mais deva acender a piedosa indignação, que mais deva excitar o ardente zelo de todo homem que tenha alguma tintura de religião, do que as licenças, do que os desafogos deste tempo; tanto mais quanto se tem o descaro de querer autorizá-los pelo costume. A religião os condena; a própria razão natural os abomina; e, embora esse pernicioso abuso fosse tão antigo quanto os falsos cristãos, nem por isso prescreveria contra a lei santa de Deus.

Poucos há que não conheçam toda a iniquidade dessas desordens; mas a inclinação ao mal prevalece; o amor dos prazeres domina; não se dá ouvidos aos gritos da razão; segue-se a multidão e aumenta-se o número dos aturdidos e atordoados. A torrente é muito rápida e não é possível detê-la; o costume rompe os diques e tudo inunda. Daqui nascem os jogos torpes, as diversões excessivas, os bailes dissolutos.

E o mais digno de chorar-se com lágrimas de sangue é que, para que os movimentos da graça não inquietem a falsa segurança da consciência em meio a tanta dissolução, faz-se tudo o que é possível para sufocá-los, para reprimi-los, para menosprezá-los, até que por fim se tenha conseguido essa falsa, essa imaginária segurança, na qual se descansa, se dorme, se amodorra o coração. Na verdade, tarde se chega a essa cegueira total, tão estreitamente ligada com a eterna reprovação, mas por fim se chega; e, como a vontade ordinariamente arrasta o entendimento, faz-se estudo de não ver o que não se quer executar. Gosta-se do jogo, concorre-se com ânsia ao baile e considera-se como inimigo de nossa quietude tudo o que pode perturbar a nossa paixão. Faz-se tudo o que é possível para persuadir-se cada um de que são armas falsas, de que são escrúpulos impertinentes os remorsos de uma consciência justamente sobressaltada; e por fim se consegue.

Fala-se com desprezo dos confessores incômodos, dos pregadores zelosos que declamam contra as diversões de carnestolendas, que condenam os espetáculos, que proíbem os bailes. Tratam-nos de gênios apoucados, de homens simples, de teólogos de primeira tonsura, de espíritos impertinentes e vãos, que só aspiram a distinguir-se entre os demais por suas austeridades de boca e por suas extravagantes singularidades, querendo fazer-se famosos à custa das almas crédulas e simples.

Se alguma pessoa virtuosa tem coragem para desaprovar esse gênero de diversões, ó bom Deus, e que secreta aversão se concebe contra ela! Nem ao próprio Jesus Cristo se perdoa se alguma vez se citam suas divinas palavras para condenar essas desordens. Dificultam-se os ouvidos aos gritos do Evangelho na escola dos mundanos. Que força farão estas reflexões aos que as lerem, se forem desse caráter? Quantos sentirão na alma o terem-se posto na necessidade de fazê-las?

Quem gosta de permanecer no engano rebela-se contra a sua própria razão. Todo erro que nutre e lisonjeia a paixão tem grandes atrativos. Por pouca piedade, por quase nenhuma religião que se tenha, é impossível deixar de condenar os regozijos e as máscaras de carnestolendas. Não se pode ignorar que o Evangelho condena o baile, os espetáculos e as funções profanas; mas neste ponto

de moral quer aturdir-se ou atordoar-se o entendimento, como voluntariamente se atordoa em outros muitos pontos. O número, a qualidade, os títulos, o nome mesmo dos muitos que se enganam como eles dão uma espécie de autoridade ao erro, que o faz mais plausível; e quando se quer e se ama o erro, não há que esperar que se confesse como tal.

Dizei àquela senhorita a quem seus próprios pais fazem ostentação de sacrificar a tantas vaidades e que está tão contente de ser vítima; dizei àquele jovem dissoluto, em quem o espírito do mundo e uma ociosidade inveterada extinguiram quase o espírito da religião; dizei àquela dama jovem tão encaprichada de sua aparente formosura, tão orgulhosa, tão soberba porque lhe coube em sorte um pouco mais de graça e de ar, tão entregue, tão embevecida nas alegrias, nas festas mundanas, que em nenhuma outra coisa toma gosto; dizei a todos esses que, segundo São João Crisóstomo, não há inimigo mais perigoso da salvação eterna que esses espetáculos, que esses saraus noturnos, que essas concorrências da ociosidade, que essas profanas diversões indignas de um cristão.

Dizei-lhes que o baile está proibido como o escolho ordinário da inocência, como o sepulcro onde se enterra o pudor, como o teatro onde se representam as vaidades, como o campo onde triunfam todas as paixões. Que é um conjunto de todos os perigos; que é um compêndio de todas as tentações; que ali tudo é escolho, tudo é veneno: as danças, os instrumentos, os objetos, as conversações, a concorrência de homens e mulheres empenhados como de aposta em agradar-se, em parecer bem uns aos outros; que tudo concorre para sufocar a piedade, para alucinar o espírito, para encantar o coração; que não há coisa mais contrária ao espírito do cristianismo. Dizei-lhes, dizei-lhes todas essas católicas verdades, e vereis com que indignação vos escutam, com que desprezo vos ouvem; e os mais temperados, com que sátiras, com que apodos, com que invectivas, com que zombaria vos recebem. Como vos tratarão de grande reformador, de grande teólogo, de grande moralista. E como não vos vereis cobertos de pó entre suas murmurações e até entre suas calúnias.

Assim eram menosprezadas em outro tempo as salutares advertências e a moral dos santos patriarcas da lei antiga. Mas quando se começaram a escurecer aqueles dias claros e serenos; quando o céu irritado começou a desgalhar-se em torrentes; quando o mar enfurecido já não reconhecia termos nem limites; quando as águas do dilúvio, interrompendo os entretenimentos e os gostos, levavam o espanto com a morte até os cimos das mais altas montanhas; pergunto: pensava-se então que as opiniões, que a moral dos patriarcas haviam sido excessivamente rígidas, que suas declamações haviam sido espantalhos? Cria-se então que haviam condenado injustamente a ociosidade perdurável, a delicadeza insuportável, a profanidade sem limite, os jogos sem termo, as desordens licenciosas, os entretenimentos mundanos, em uma palavra, tudo o que hoje querem aprovar esses atordoados do século e tudo o que acende a cólera do Deus vivo? Julgava-se que haviam excedido em gritar contra aquela torrente de maldades que inundava o gênero humano, contra aquelas desordens públicas, contra aqueles vícios secretos, que era preciso afogar num dilúvio?

Ora, ora, que talvez alguma mão invisível introduzirá o espanto em meio a essas reuniões e a esses bailes; talvez uma morte precipitada e sempre imprevista converta em triste luto essa pomposa, essa brilhante mundanidade; talvez um funesto acidente dissipe essas perigosas

concorrências. Tempo virá, e não tardará, em que esses jovens, esses libertinos, essas gentes mundanas, indignadas de seus próprios descaminhos, condenarão com uma espécie de horror todas essas profanas diversões. Mas, digo, será então tempo?

Ter-se-á então muitíssima razão de tratar, de qualificar de entretenimentos pagãos os regozijos de carnestolendas. Conhecer-se-á então que os ministros do Evangelho, sinceros e nada aduladores, foram os verdadeiramente sábios, os verdadeiramente zelosos. Far-se-á então justiça à virtude dos que seguiram o partido seguro, proibindo-se para sempre todas essas funções tão pouco cristãs. Confessar-se-á então que as máximas do mundo eram contrárias à verdadeira sabedoria e até opostas ao bom juízo, à razão natural. Ver-se-á então com a maior clareza que essas alegrias profanas não eram mais lícitas, não eram mais permitidas em tempo de carnestolendas que em tempo de Semana Santa. Mas, ó bom Deus, quão amargo é o arrependimento quando é sem fruto e sem remédio! Que remorsos, que perturbação não causa a memória do baile e das diversões pouco cristãs quando se olham na hora da morte!

Mas não; em geral não se espera tão tarde para condenar todas essas desordens. A algazarra e o tumulto não atordoam inteiramente; há certos intervalos em que a razão e a religião fazem seu ofício e, por débeis que sejam num libertino, num dissoluto, não deixam de dar-lhe a conhecer a malignidade de tudo o que lhe agrada; não deixam de descobrir-lhe a peçonha de tudo o que o encanta.

Sempre tive os bailes por perigosos, dizia um dos mais belos entendimentos de seu tempo e o cortesão mais culto e mais discreto de seu século, o conde de Bussy-Rabutin: Sempre tive os bailes por perigosos; e isso não o aprendi somente por minha razão, ensinou-mo também minha própria experiência. Muito fortes e muito expressivos são os testemunhos dos santos padres em favor dessa verdade; mas creio que neste ponto o de um cortesão deve ser de maior peso. Bem sei que alguns dizem que são para eles menos perigosos os bailes e os saraus que outras concorrências. Com tudo isso, os que comumente assistem a esse gênero de funções são de tal temperamento que com grande trabalho resistem à tentação quando os acomete no retiro de seus quartos; pois como a resistirão numa sala onde as formosuras que embelezam, as luzes que resplandecem, os violinos que deleitam, os meneios do baile que irritam são capazes de acender um anacoreta? Os velhos, que talvez são os únicos que poderiam assistir a essas funções sem risco da consciência, tornar-se-iam risíveis se assistissem; os moços, em quem não parece mal que assistam, não o podem fazer sem grande perigo. Pois meu parecer é que quem queira parecer e ser cristão não deve concorrer ao baile; e que os confessores cumprirão sua obrigação se exigirem de seus penitentes que se abstenham para sempre de semelhantes funções.

Evangelho

A missa é a mesma do dia da Epifania, e também o evangelho, do capítulo 2 de São Mateus.

Mateus 2,1-12

> **Latim:** [1] Cum ergo natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt Jerosolymam, [2] dicentes : Ubi est qui natus est rex Judæorum ? vidimus enim stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum. [3] Audiens autem Herodes rex, turbatus est, et omnis Jerosolyma cum illo. [4] Et congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur. [5] At illi dixerunt : In Bethlehem Judæ : sic enim scriptum est per prophetam : [6] Et tu Bethlehem terra Juda, nequaquam minima es in principibus Juda : ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israël. [7] Tunc Herodes clam vocatis magis diligenter didicit ab eis tempus stellæ, quæ apparuit eis : [8] et mittens illos in Bethlehem, dixit : Ite, et interrogate diligenter de puero : et cum inveneritis, renuntiate mihi, ut et ego veniens adorem eum. [9] Qui cum audissent regem, abierunt, et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra, ubi erat puer. [10] Videntes autem stellam gavisi sunt gaudio magno valde. [11] Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum : et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham. [12] Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.

Português: [1] TENDO pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns magos a Jerusalem, [2] dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos a adorarlo. [3] E o rei Herodes ouvindo isto se turbou, e toda Jerusalem com elle. [4] E convocando todos os principes dos sacerdotes, e os escribas do povo, lhes perguntava, onde havia de nascer o Christo. [5] E elles lhe disserão: Em Belém de Judá: porque assim está escrito pelo profeta: [6] E tu Belém, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes de Judá: porque de ti sahirá o Conductor, que ha de commandar o meu povo d'Israel. [7] Então Herodes tendo chamado secretamente os magos, inquiriu d'elles com todo o cuidado, que tempo havia que lhes apparecêra a estrela. [8] E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que menino he esse: e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir tambem adorarlo. [9] Elles tendo ouvido as palavras do rei, partirão: e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo adiante d'elles, até que chegando, parou sobre onde estava o menino. [10] E quando elles virão a estrella, foi sobremanceira grande o jubilo, que sentirão. [11] E entrando na casa, achárão o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adorárão: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas offertas d'ouro, incenso, e myrrha. [12] E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltárão por outro caminho para a sua terra.

Meditação

Dos efeitos da graça

Primeiro ponto

Considera três efeitos visíveis da graça na viagem dos Magos. Partem de pronto, sem reparar em trabalhos nem em dificuldades; prosseguem seu caminho, embora o astro se lhes oculte; voltam por outro sem fazer caso de um rei falaz e cruel. Oh, e quão importantes lições nos dá este único mistério!

Logo que se forma a generosa resolução de servir a Deus, saem ao encontro mil dificuldades. Nem sempre são reais e verdadeiras, mas aparentes; com tudo isso, não poucas vezes fazem o mesmo efeito que se fossem efetivas. Que covardia é desmaiar, é desalentar-se! Acaso temos de marchar sozinhos? Acaso temos de contar unicamente com nossas forças? Ignoramos porventura que a graça deriva toda a sua virtude do sangue e dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e que nunca nos pode faltar essa graça? Grande erro duvidar em pôr-se a caminho, contando com tão boa guia! Quando me sinto mais fraco, dizia o Apóstolo, então verdadeiramente estou mais forte; porque conto mais com a divina graça. Se a virtude cristã fosse unicamente obra nossa, teríamos mil razões para desalentar-nos; mas com o auxílio da divina graça, que gênio tão indômito, que costume tão inveterado, que inclinação tão violenta, que inimigo tão feroz, tão formidável não poderá ser rendido, não poderá ser sujeitado, servindo de gloriosa matéria a uma completa vitória? Por isso mesmo que somos a própria fraqueza, somos mais fortes. Que confusão, que dor para aqueles corações tímidos, para aquelas almas covardes a quem tudo desanima, tudo detém, quando virem que, com o auxílio da divina graça, eram capazes de tudo!

Tenra era Santa Inês, pobre era Santo Isidro, rei era São Luís: custa-nos porventura o céu mais caro a nós que aos santos mártires? Que austeridade nos desertos! Que sacrifícios em todos os estados! Que inocência em meio ao mundo! Que multidão de santos em todas as religiões! Que prodígios de santidade em toda a Igreja! Homens fracos eram como nós; mas foram mais fiéis à graça que nós.

Segundo ponto

Considera que somente as almas pusilânimes desanimam quando a estrela se oculta. Quem só é devoto quando sente as doces impressões da graça dá sinal de que serve a Deus por interesse e não por amor. Se o principal móvel da virtude é a devoção sensível, não há que esperar que a virtude dure por muito tempo.

Alegra sem dúvida a vista da estrela; mas, embora esta se esconda ou se retire, nem por isso deixam os Magos de continuar o seu caminho. Na verdade, não ficará escondida por longo tempo. Quão desgraçados teriam sido os Magos se, quando se lhes ocultou a estrela, tivessem voltado atrás! Perseveremos constantes nos caminhos de Deus, que a estrela voltará a deixar-se ver quando for necessário. Ordinariamente encobre-se no tumulto do mundo. É preciso que com diferentes provas se debilite o amor-próprio, o qual se fomenta e se nutre com os gostos da devoção sensível.

Grande motivo tinham os Magos para voltar pelo mesmo caminho em virtude das instâncias que lhes fez o rei Herodes; mas a graça sempre nos move a voltar por caminho diferente. Quem não muda de caminho não se converte.

Muitos se contentam com ir ver o menino recém-nascido e oferecer seus obséquios a Maria; mas tudo se reduz a cumprimentos e a boas palavras. Quantas vezes nos portamos dessa maneira com o próprio Jesus Cristo? Apresentamo-nos a ele na missa, na comunhão: e a que se reduzem nossas orações? A palavras, e não mais. Há muitos que, ao voltar de confessar e comungar, voltem por outro caminho? Quando os exercícios espirituais, quando a frequência dos sacramentos, quando a própria devoção não nos faz melhores: mau sinal, mau sinal.

Não permitais, Senhor, que eu faça inutilmente estas reflexões. Demasiadamente abusei até aqui de vossa graça; bendito sejais para sempre pela que agora me fazeis. Estou resolvido a mudar de caminho, mudando de vida. Fazei que seja fruto desta meditação a minha verdadeira conversão.

Jaculatórias

> *Vias tuas, Domine, demonstra mihi: et semitas tuas edoce me.* Sl 24.

Mostrai-me, Senhor, vossas sendas e vossos caminhos, que de hoje em diante não quero seguir outros.

> *Converte nos, Domine, et convertemur, innova dies.* Lm 5.

Convertei-nos, Senhor, e ficaremos verdadeiramente convertidos. Fazei, por vossa misericórdia, que eu entabule uma vida nova.

Propósitos

1. Hoje hás de alcançar o doce consolo de experimentar em tua conduta os efeitos da graça. És colérico, impaciente, pouco recolhido? Estão acostumados teus olhos a andar derramados pela igreja, espalhando-se indiferentemente por todos os objetos? Distraíste-te voluntariamente na oração e na missa? Gastas muito tempo em compor-te e deixas-te levar em excesso do vão desejo de parecer bem? Não tens algo a corrigir, algo de que repreender-te sobre essa vida inútil, regalada e ociosa? Tratas com dureza ou com pouca piedade os pobres? Correspondem tuas esmolas a tuas rendas? Trabalhas em domar tuas paixões? Domina-te o amor-próprio? Eia, determina algum desses defeitos e aplica-te a corrigi-los hoje. Seguramente podes contar com a graça; oxalá com igual segurança pudesses contar com tua correspondência.

2. Uma vez ao dia traze à memória os propósitos, o projeto de conversão que tenhas feito em outras ocasiões. Faze presente aquele plano, aquele método de vida que alguma vez tenha sido fruto de alguma confissão geral, de alguns exercícios; e examina se o desmentiste, se te desviaste

dele. Renova todos aqueles propósitos e esse método, impondo-te alguma penitência por cada vez que faltares. Também é prática muito útil determinar antes da confissão, e até antes que se acabe a meditação, o fruto particular que se deseja tirar dela. Bom Deus, de quantas indústrias se valem os mundanos para adiantar seus interesses temporais! E será possível que somente no negócio de nossa salvação tenhamos de ser estúpidos e descuidados!

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:44 by Admin